

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
As organizadoras	

A partir das contribuições da psicologia...

DISCURSO DE JEAN PIAGET POR OCASIÃO DO “PRAEMIUM ERASMIANUM”	23
Jean Piaget	

...se traça um panorama geral dos conflitos na instituição educativa...

CONFLITOS NA ESCOLA A PARTIR DAS PERCEPÇÕES E REPRESENTAÇÕES DE INJUSTIÇAS DE ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS E PARTICULARES	35
Renata Aparecida Carbone Mizusaki Maria Suzana de Stefano Menin	

CONDUTAS DE DISCRIMINAÇÃO ENTRE CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL	57
Rosana Akemi Kawashima Raul Aragão Martins	

A (IN)DISCIPLINA NA INSTITUIÇÃO EDUCATIVA: CARTOGRAFANDO O FENÔMENO	89
Maria Teresa Ceron Trevisol Danieli Viecelli Cristiani Balestrin	

UM OLHAR SOBRE O BULLYING ESCOLAR E SUA SUPERAÇÃO:
CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA MORAL 135
Luciene Regina Paulino Tognetta

O DIRETOR ESCOLAR E A GESTÃO
DE CONFLITOS NA ESCOLA 161
Maria Isabel da Silva Leme

... e se busca alternativas para o trabalho da escola

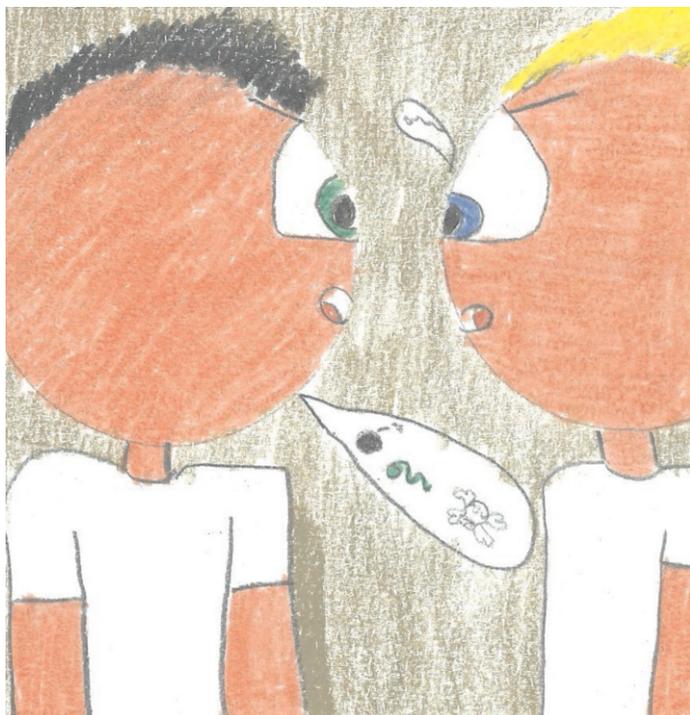
EDUCAÇÃO EM VALORES - POSSIBILIDADES DE
INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA NA RESOLUÇÃO
DE CONFLITOS ESCOLARES 191
Denise D'Aurea Tardeli
Adriana Regina Borges Pasqualini

ESTILOS DE RESOLUÇÃO DE CONFLITOS INTERPESSOAIS:
O QUE A ESCOLA PODE FAZER? 229
Vanessa Fagionatto Vicentin

A IMPLANTAÇÃO DA JUSTIÇA RESTAURATIVA
COMO UM PROCESSO DE RESOLUÇÃO DE CONFLITOS
NA ESCOLA: UMA REALIDADE A SER CONSTRUÍDA 265
Telma Pileggi Vinha
Fabiana Aparecida da Silva
Kátia Maia
Kênia Cristina Furlan Carneiro
Marlene de Jesus de Souza Scarazzatti

AS CLASSES DIFÍCEIS E SUAS CRISES: UMA PROPOSTA
DE DIAGNÓSTICO E INTERVENÇÃO 305
Adriana de Melo Ramos
Luciene Regina Paulino Tognetta
Telma Pileggi Vinha
Thayse Polidoro João Mariano

ORGANIZADORAS/AUTORES 331



*O outro não é, portanto, o mal absoluto porque é
precisamente por meio desta relação conflitual
que eu o reconheço na sua diferença
e que eu me afirmo como indivíduo.*

Nancy Bouchard

APRESENTAÇÃO

Em uma pesquisa recente perguntamos a professores de Educação Infantil e Ensino Fundamental da região metropolitana de Campinas quais seriam as maiores dificuldades que encontravam em seu cotidiano. Suas respostas não foram diferentes das que são destaque em tantas outras investigações no Brasil e no mundo: um dos grandes desafios da escola hoje é o que os professores chamam ora de indisciplina, ora de violência, ora de agressividade, ora de falta de respeito por parte de seus alunos... Chegam quase a um consenso, em suas angústias e queixas: o problema maior da escola está na qualidade das relações que se estabelecem nesta instituição entre as pessoas que ali convivem. São *conflitos!*

É fato que diferentes pesquisas atestam o aumento da frequência de problemas nas relações entre as pessoas dentro da escola. Da mesma forma como atestam a desmotivação de professores e funcionários que já não sabem o que fazer diante de tantos desacatos, agressões, desrespeito, furtos, desobediências... Lamentavelmente, sabemos que alguma coisa não vai bem nessa instituição, mas não sabemos como resolver. E por quê? Vejamos algumas hipóteses para pensarmos o problema dos conflitos interpessoais na escola.

Começemos pelo fato de que quando nos perguntam, como educadores, quais são os principais problemas que temos nas escolas rapidamente nos lembramos daqueles que estão diretamente ligados ao ensinar: meninos e meninas que não param quietos, que não obedecem a regra de deixar os celulares desligados durante a aula, que chegam atrasados e prejudicam o andamento da aula, que nos desrespeitam... Interessantemente, temos consta-

tado que são relevantes os problemas que nos afetam diretamente, e, portanto, as disciplinas, ainda que não sejam assim chamadas. Quando perguntamos nas secretarias de educação, ou nas escolas quanto a terem problemas de bullying, por exemplo, rapidamente os educadores interrogados afirmam que quase não têm esse tipo de problema, fato que cai por terra ao fazermos aos alunos a mesma questão: 20 a 30% já foram ou são provocados, caçoados, humilhados por seus iguais. Assim, se por um lado esses educadores indicam que os problemas que possuem são com a autoridade não validando muitas vezes as dificuldades no relacionamento entre os próprios alunos, por outro, interessantemente, quando pedimos que proponham soluções para tais questões esses apontam sempre para ações de terceiros: chamar o conselho tutelar, acionar o “disque bullying”, trazer a polícia à escola, chamar a família, contratar psicólogos... é como se pensássemos: “o conflito é também comigo, mas a solução não me pertence”.

Piaget já diria que é a autoridade que insere a criança no mundo da moral, que sabe, portanto os princípios dos quais não se abre mão. Esta é uma questão relevante visto que muitas escolas tem confundido o papel dessa autoridade com permissividade ou com um excesso de rigor direcionado principalmente as inúmeras normas convencionais, antepondo-as as regras morais que se fundamentam em tais princípios – se há novas formas de intervir mais equilibradas e mais construtivas para que se chegue a autonomia tão desejada, essas formas não destituem o papel da autoridade intervindo e se posicionando para assegurar que “não se bate nas pessoas” e que “o respeito é primordial”. Por certo, as ações na escola têm pretendido conter ou evitar os conflitos, que parecem ser atípicos e não pertencentes ao trabalho do professor, sendo vistos rigorosamente como um *perigo*.

Recorremos ao termo “conflito” quando queremos utilizar expressões como o desacordo, a discórdia, a oposição, o confronto, o antagonismo entre outras. É interessante notar que do latim “*conflictus*”, a palavra conflito aponta para uma espécie de choque de necessidades, de interesses ou de valores que se dá entre duas partes e, portanto, um perigo àqueles que se confrontam, que se opõem. Se assim pensam, as intervenções que sistematicamente são feitas

por diferentes professores na escola vão em direção a suprimir o conflito, a impedi-lo, a não permiti-lo. Então, crianças e adolescentes são fadados a ficar sentados, sem conversarem, para que não tenham conflitos. Meninos e meninas têm seus celulares guardados pelos seus professores, para que não haja conflito. Alunos e mais alunos são castigados quando brigam para que aprendam a não ter conflitos! Certamente, o olhar do professor para a natureza do conflito enquanto perigo revela um fosso escondido: o quanto desconhecemos sobre como meninos e meninas podem construir estratégias mais justas, respeitadas e cooperativas para resolverem seus conflitos e sobre como estes podem ser promotores da autonomia. Pouco sabemos como intervir porque pouco estudamos em nossos cursos de graduação e pós-graduação sobre o desenvolvimento moral de nossas crianças: é pela experiência do contato com o outro, com a perspectiva diferente da sua que é possível sair de um único ponto de vista e coordenar desejos, direitos e deveres. É tomando decisões, é fazendo escolhas, é pensando em possibilidades de resolver seus próprios problemas com aqueles que são iguais que meninos e meninas passam a acreditar que as regras existem porque elas regulam a convivência entre as pessoas, não importando mais se há adultos fiscalizando suas ações ou não.

Finalmente, é por estudar os mecanismos pelos quais se age do ponto de vista psicológico que podemos constatar uma natureza profundamente diferente do conflito: a *oportunidade*. A mesma expressão “conflito” é utilizada como sinal de mudança, criação, inovação, superação, novo equilíbrio, digamos, que promova a tão esperada autonomia contribuindo para que meninos e meninas superem diferenças, respeitem o outro e a si mesmos.

Interessantemente, se assim pensarmos, então compreenderemos que embora estejamos falando da necessária presença da autoridade, será preciso lembrar o que Piaget sabiamente dizia: é entre pares que as relações se tornam de cooperação e que os iguais podem chegar ao princípio já que não temerão serem castigados ou diminuídos diante de quem detém o poder.

Portanto, é exatamente desse binômio *perigo* e *oportunidade* como sinônimos da palavra *conflito* que trata este livro que agora apresentamos.

Tivemos o prazer de organiza-lo pensando na experiência de seus autores que puderam apontar cada um a sua maneira a importância de se conhecer melhor esse fenômeno em suas diversas dimensões e também o necessário olhar para as intervenções que a escola tem realizado nas situações de conflitos posto que, apesar de bem intencionadas, não raro têm gerado aumento da violência e da manutenção da heteronomia, tornando ainda mais desgostosos e desmotivados alunos e professores. Consideramos que talvez o *perigo* esteja na acomodação e na manutenção de um sistema escolar falido que não dá mais conta de educar para a complexidade de nossa sociedade contemporânea e que a *oportunidade* pode estar na possibilidade de transformação, de reestruturação deste sistema, adaptando-o às novas necessidades e circunstâncias.

Os autores dessa obra são, em sua maioria, professores universitários, pesquisadores de grupos de pesquisa consolidados no Brasil e que contribuíram com aquilo que de melhor poderiam para pensar o tema dos conflitos na escola: todos eles partem de uma ou mais investigações que traduzem o contexto escolar empiricamente, o analisam e discutem à luz da psicologia, possibilidades de transformação dessa realidade.

Para fazê-lo, dividimos o livro em três partes distintas que podem ajudar nosso leitor a entender o caminho que nos propusemos. Vamos a elas.

A partir das contribuições da Psicologia...

A primeira delas diz respeito a um grande presente que recebemos das mãos de Laurent Piaget, filho de Jean Piaget, ao nos autorizar a publicar no Brasil um dos mais belos discursos¹ do mestre que discorre sobre a importância da psicologia para os estudos contemporâneos, proferido por Piaget na ocasião do recebimento do prêmio “Praemium Erasmus” em que ele retrata

1. Agradecemos a indicação desse texto pela colega Ângela Fátima Soligo e também a inestimável ajuda de Sílvia Parrat-Dayán, dos Archives Jean Piaget que nos auxiliou em todas as etapas necessárias para conseguirmos publicá-lo no Brasil.

sua trajetória como pesquisador, descrevendo sua persistência por compreender o desenvolvimento humano e como o homem se adapta ao mundo. Nele, vemos um entusiasta pela humanidade, um homem que passa a vida para confirmar a necessidade de se entender a psicologia da criança para então se pensar o conhecimento humano.

Por que escolhemos um texto como esse para abrir nosso livro? A resposta não seria por acreditarmos que somente a obra piagetiana inspira nossos autores. Outros grandes autores trazem contribuições a este tema, sem dúvida, como veremos nos artigos deste livro.

Contudo, ainda que todos saibam que Piaget dedica, de toda sua extensa obra, um único livro às questões morais (tratadas diga-se empiricamente já que o autor se refere constantemente ao desenvolvimento moral e a conquista da autonomia em outras obras), é Piaget o autor que primeiro cumpre a tarefa deixada pelos grandes filósofos que estudaram e estudam a moral: ele sistematiza, organiza o conhecimento sobre a gênese da moral e aponta para a possível formação de personalidades éticas. Nesse texto Piaget reflete sobre a importância da pesquisa, da investigação científica em psicologia, trazendo subsídios para conhecermos o ser humano. Ora, trazer algumas das contribuições dos estudos em psicologia visando ampliar a compreensão sobre os conflitos interpessoais na escola e, conseqüentemente, repensarmos e fundamentarmos as intervenções educativas é justamente a proposta desta obra. Sem desmerecer o fato de que para nós é uma honra publicar um texto inédito em língua portuguesa deste grande autor.

Explicitadas tais contribuições, passamos ao segundo objetivo dessa obra:

...se traça um panorama geral dos conflitos na instituição educativa...

Cinco artigos cumprem tal proposição de discutir os conflitos e seus personagens – os professores, os alunos, a instituição educativa. No primeiro deles intitulado “Conflitos na escola a partir das percepções e representações de injustiças de alunos de escolas públicas e particulares”, Renata Carbone e

Suzana Menin trata das representações de injustiça que têm os estudantes advindos dessas escolas. Descrevem uma investigação em que alunos de ensino fundamental e médio percebem as injustiças em suas instituições e discutem a partir desses dados a importância de os professores considerarem tais questões na busca pela construção de uma escola mais justa e cooperativa.

No segundo artigo, “Condutas de Discriminação entre Crianças da Educação Infantil”, Rosana Kawashima e Raul Aragão discutem o tema da discriminação entre os alunos a luz da teoria de Piaget e seus seguidores bem como a partir do que apontam os Parâmetros Curriculares Nacionais. Numa pesquisa com crianças de Educação infantil os autores nos chamam a atenção para a importância de conhecermos o desenvolvimento moral revelando a utilização de condutas discriminatórias pelas crianças com seus pares e reiterando o quanto seus raciocínios heterônomos se baseiam na obediência à autoridade.

O terceiro artigo desta segunda parte de nosso livro, intitulado “A (in)disciplina na instituição educativa: cartografando o fenômeno” desafia-nos como educadores a refletir sobre os problemas que chamamos de indisciplina que costumeiramente enfrentamos no cotidiano escolar e que implicam, como nos dizem as autoras, no rendimento, na aprendizagem dos alunos e nas relações interpessoais que ocorrem na escola. Maria Teresa Trevisol, Danieli Viecelli e Cristiani Balestrin dão, nesse estudo, voz e vez a alunos e profissionais da educação desvelando o que pensam desse fenômeno que assola nossas instituições...

O quarto artigo “Um olhar sobre o bullying escolar e sua superação: contribuições da psicologia moral”, de autoria de Luciene Tognetta, é destinado a uma discussão atual (contudo notadamente humana e, portanto, velha como o próprio homem) sobre um tema urgente: a violência entre pares que é escondida, camuflada e ignorada, muitas vezes pelas instituições que educam. Apresentando dados de investigações atuais sobre o fenômeno bullying, esse artigo objetiva tratá-lo sob o ponto de vista da psicologia moral que se distancia de práticas atualmente comentadas de intervenções pontuais como a expulsão ou detenção dos agressores, trazendo a proposta de que a

superação do bullying pode e deve ser conseguida pela implantação de um ambiente cooperativo em que as pessoas possam se expressar e sentir-se pertencentes.

Finalmente, no último artigo “O Diretor Escolar e a Gestão de conflitos na Escola” tem-se uma reflexão sobre o papel de um protagonista, muitas vezes negligenciado ao se falar em conflitos na escola, mas tão importante quanto o professor e o aluno: o gestor. Sua atuação na resolução de conflitos no espaço escolar bem como sua responsabilidade no funcionamento e cumprimento da função educativa dessa instituição é analisada por Isabel Leme que reflete ainda sobre como esse profissional pode contribuir para a efetiva transformação do ambiente escolar com relação à gestão dos conflitos.

... e se busca alternativas para o trabalho da escola

Por fim, a terceira parte de nosso livro intenta trazer ao leitor, a partir da visão panorâmica sobre as relações e seus personagens principais na escola, a busca por alternativas que possibilitem a efetivação de um trabalho transformador nessa instituição.

No primeiro artigo, “Educação em valores - possibilidades de intervenção pedagógica na resolução de conflitos escolares”, Denise DAurea Tardeli e Adriana Pasqualini discutem o tema da ética ensinado na escola e a importância da experiência do convívio social para essa aprendizagem. Descrevem propostas para uma educação em valores apresentando pesquisas sobre a identificação de crianças e jovens com os personagens heróis de filmes e também sobre como seus professores percebem as manifestações dos valores morais de seus alunos. Apontam assim, o desdobramento de procedimentos de educação moral utilizando-se de instrumentos como filmes infantis, discussão de dilemas e outras alternativas que podem favorecer a construção da tão almejada autonomia.

No segundo artigo, “Estilos de resolução de conflitos interpessoais: o que a escola pode fazer?” Vanessa Vicentin defende com convicção a tese de

que boa parte do desenvolvimento da humanidade se deve a ocorrência de conflitos interpessoais. Porém, nem sempre os conflitos interpessoais podem ser traduzidos em oportunidade de desenvolvimento para os envolvidos. Para isto basta observarmos a nossa volta: as pessoas utilizam estratégias diferentes para resolver seus conflitos interpessoais. Agressivas, submissas, assertivas? A autora nos propõe estudar os estilos de resolução de conflitos e pensar nas ações que podemos ter na escola para favorecer que, cada vez mais, a utilização de estratégias mais assertivas pelos nossos alunos em situações de conflitos.

O terceiro artigo desta parte final diz respeito a um tema emergente e atual para a resolução dos conflitos: “A implantação da Justiça Restaurativa como um processo de resolução de conflitos na escola: uma realidade a ser construída”. Nesse estudo, Telma Vinha, Fabiana Silva, Kátia Maia, Kênia Carneiro e Marlene Scarazzatti, afirmam que diante das inúmeras situações de conflitos e violência muitas escolas aderiram aos procedimentos utilizados pela Justiça Restaurativa, buscando por meio da implantação desse projeto formas mais cooperativas para lidar com tais situações. Todavia, por ser recente em nosso país, há poucos estudos científicos sobre esse projeto e seus desdobramentos na instituição educativa. Contribuindo para ampliar nosso conhecimento sobre essa questão, as autoras apresentam os resultados de uma recente pesquisa que investigou as principais dificuldades encontradas na implantação do projeto da Justiça Restaurativa em escolas públicas, discutindo algumas causas destas dificuldades e apontando considerações que podem contribuir para que se efetive sua implantação.

Finalmente, no último artigo desse livro, redigido por nós juntamente com Adriana Ramos e Thayse Mariano, procuramos refletir sobre um tema controverso e complexo: as “classes difíceis”. Intitulado “As classes difíceis e suas crises: uma proposta de diagnóstico e intervenção” o artigo se propõe a descrever uma proposta de diagnóstico e intervenção numa classe considerada “difícil”, ou seja, avaliada pelos docentes como sendo muito indisciplinada. Com dados empíricos, sustentamos que é possível transformar as relações em sala de aula, desde que assumamos um compromisso com a

pesquisa, com o aprofundamento teórico como norteador da práxis educativa e com um fazer pedagógico transformador e competente que possibilite continuamente o oferecimento de ambiente sociomoral cooperativo em que, assim como os profissionais da escola, os alunos também tenham participação efetiva podendo dizer o que pensam e sentem. Por certo, este artigo encerra as discussões aqui apresentadas situando aquilo que também desejamos que nosso leitor compreenda: as mudanças efetivas para a superação dos conflitos interpessoais na instituição educativa não podem focar apenas no trabalho do professor ou demais profissionais. Os alunos, os pares, são efetivamente aqueles que precisam, convivendo, reconhecerem um objetivo em comum: a convivência harmoniosa.

Há um presente a mais para nosso leitor: colaboraram para esse livro, crianças de escolas públicas e particulares a quem muito agradecemos. Elas nos brindam com sua sinceridade, espontaneidade e grandiosidade. Pedimos a elas que nos dissessem o que significa a palavra *conflito*. Elas traduziram em palavras o que pensam. Contudo, fizeram mais: sob a forma de desenhos, expressaram o que pensam serem os conflitos e como acreditam que devem ser as soluções para esses. São meninas e meninos que na sua maioria, ainda heterônomos nos apontam que muito trabalho ainda teremos. Mas mais que isso, nos dizem na sua singularidade – são humanos. E as crianças, como diria *Hannah Arendt* – *são candidatas a humanidade*.

*Luciene Regina Paulino Tognetta
Telma Pileggi Vinha*